



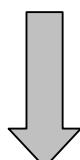
## ESCOLA SECUNDÁRIA C/ 3º CEB DE LOUSADA

### CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA OBRA

Í Apesar de a acção da obra ter lugar em 1817, importa situar os acontecimentos que estão na sua origem:

- Com autoproclamação de Napoleão, em 1799, como 1.º imperador dos franceses, a Europa atravessa um período conturbado. A situação política em Portugal reflecte, pois, decisões estrangeiras
- Intimado por Napoleão a declarar guerra à Inglaterra, em 1805, o Governo Português tenta contemporizar, fechando os portos às mercadorias, mas não hostilizando os ingleses residentes.
- Forçado a aderir ao bloqueio continental, em 1807, Portugal sequestra alguns bens ingleses, apesar de permitir a livre circulação dos produtos. A dubiez do Governo desencadeia a ira de Napoleão, que, nesse mesmo ano, conclui um tratado com Espanha e exclui Portugal do mapa europeu. Para a execução do tratado, o imperador francês envia Junot para o nosso país. O príncipe regente, D. João, a conselho do Governo Inglês, abandona Portugal e refugia-se no Brasil.
- Após as batalhas de Roliça e do Vimeiro, em 1808, Wellesley derrota as tropas francesas, as quais são autorizadas a sair do país com todos os despojos de guerra. Um ano depois, em 1809, Soult invade, pela 2.ª vez, Portugal, e novamente Wellesley e Beresford rechaçam o exército invasor. Massena será o último representante napoleónico a tentar conquistar Portugal.
- Em 1810, as tropas invasoras são derrotadas nas batalhas do Buçaco e de Linhas de Torres. Com a rendição da guarnição francesa, o exército francês abandona, definitivamente, o país.
- A corte estava ausente (o rei encontrava-se no Brasil) e a administração do reino fora entregue a uma tríade governativa (D. José António de Meneses e Sousa Coutinho, D. Miguel Pereira Forjaz e William Beresford). Mas o país era palco de descontentamento, motivado não só pela ausência da corte, como também pelas dificuldades acrescidas advindas da guerra.  
A contestação ao governo “fantoche” liderado por Beresford e a pesada carga onerosa para a manutenção da corte e do rei, entretanto aclamado (em 1816) em terras estrangeiras, geravam a desconfiança e o desagrado de um povo, que, mais uma vez, se sentia abandonado à sua triste sorte.
- A passividade e o clima de suspeição que se sentia propiciaram as ideias de conjura e a procura de um líder. Amado pelo povo, respeitado pelos amigos e odiado pela classe governativa, **Gomes Freire** é escolhido como elemento sacrificial, não pelas acções que comete, mas pelo perigo que representa.

Estes são, no fundo, os antecedentes que explicam, em *Felizmente há Luar*, o **TEMPO DA HISTÓRIA**, que é diferente do **TEMPO DA ESCRITA**, embora entre ambos haja um paralelismo histórico, quer em relação ao estado do país, quer em relação à política vigente. Vejamos como é feita essa analogia na obra:



# Felizmente há Luar!

## I – Tempo da História

### ➤ A conspiração abortada de 1817 (anterior ao triunfo do liberalismo)

- sentimento de abandono dos portugueses face ao monarca (Brasil);
- sentimento de revolta perante a drenagem de dinheiro para o Brasil (rendas e contribuições);
- declínio comercial;
- influência britânica no exército e na Regência.

» 1817 = prisão de alguns indivíduos por conspirarem contra a vida do Marechal Beresford, o governo e as instituições vigentes.

= execução de doze indivíduos, incluindo o presumível chefe da conspiração: o tenente-general Gomes Freire de Andrade.



Acto que não evita rebeldias, mas que estimula devido à tirania demostrada pelos governantes e à impossibilidade do cidadão comum alterar as suas condições de vida.

» O rei e o governo, longe de Portugal, não se davam conta das tensões políticas e económicas existentes e a Regência (para agradar aos governantes) ignorava certos factos e escondia a sua gravidade.

### ➤ A Revolta de 1820

» Ausência do rei e do governo (o rei estava no Brasil desde as invasões francesas)

» Revolta do exército (Porto, Agosto de 1820)



» Formação de uma “**Junta Provisional do Governo Supremo do Reino**” sob a presidência do brigadeiro-general António da Silveira.

**OBJECTIVOS:** tomar conta da Regência e convocar as “Cortes” para adoptar uma **Constituição**.

» Em Lisboa há uma resistência da Regência através de denúncias e condenação dos revolucionários como inimigos da Pátria.

» Em Setembro, há uma revolução dos regentes e constituição de um **governo provisório** sob a presidência de Freire de Andrade (parente do tenente-general Gomes Freire de Andrade).

» Em 28 de Setembro, Norte e Sul fundem-se numa nova **Junta Provisional** sob a presidência do Principal Freire de Andrade e sob a vice-presidência de Andrade da Silveira.

» 1834 = acordo de **Évora Monte** e implantação definitiva desse regime contra o “Antigo Regime” absolutista.

## RESPOSTA ÀS ASPIRAÇÕES DO POVO

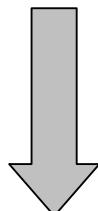
- desejo de uma constituição política assente sobre bases populares, uma limitação severa às prerrogativas do rei, liberdade de religião, de impressão e de palavra, liberdade de comércio e de indústria opostas ao despotismo.

## REFERENTE HISTÓRICO DA PEÇA

- **Temática:** movimentos que tentaram implantar entre nós o regime liberal tendo Gomes Freire de Andrade como “cérebro da conjura” que, embora nunca apareça, está sempre presente e condiciona toda a estrutura interna da peça.

## **Gomes Freire de Andrade (1757- 1817)**

- General português nascido em Viena de Áustria, que seguiu a vida militar depois de ter vindo para Portugal aos 24 anos. Participou em várias guerras até ser preso por ter sido acusado de ter participado na terceira invasão francesa. Contudo, mais tarde, foi reabilitado dessa acusação, mas obrigado a manter residência fixa em Lisboa.
- Ligado aos ideais progressistas e membro da Maçonaria, foi acusado de ter participado na conspiração de 1817, que punha em causa a ausência da corte de D. João VI no Brasil, a presença militar inglesa no país e a grave situação económica que então se vivia. O general foi enforcado no forte de Julião da Barra e depois queimado. O fomento da revolução estava lançado e iria dar os seus frutos no dia 24 de Agosto de 1820, com a revolução liberal.



- Surto de consciência liberal entre o exército e a burocracia. (MATILDE)
- As classes dominantes (Conselho de Regência) temem a ameaça de destruição da “estrutura tradicional do Reino”, supressão dos privilégios de que gozavam e destruição da hierarquização das classes sociais. (D.MIGUEL FORJAZ / PRINCIPAL SOUSA / BERESFORD)

## II – Tempo da Escrita (1958-1962) – Regime Salazarista

### 2.1. Como surgiu o regime salazarista e que aspectos o caracterizam?

- Com a abolição da monarquia e a proclamação da 1.<sup>a</sup> República, a 5 de Outubro de 1910, Portugal encerrava um volume da sua história, estando agora liberto das cadeias monárquicas. No entanto, a surpresa da liberdade pouco durou, pois, em 1914, começou a I Grande Guerra e o país foi forçado a participar enquanto aliado da Inglaterra.
- A 5 de Dezembro de 1917, o general Sidónio Pais proclama-se chefe de Estado, após um golpe militar bem sucedido, vindo a ser assassinado a 14 de Dezembro de 1918.
- A rendição da Alemanha e o armistício proporcionavam à Europa um período de paz, após 4 anos de guerra, todavia, em Portugal, as dificuldades governativas eram cada vez maiores até que, a 28 de Maio de 1926, o general Gomes da Costa toma o poder na sequência de um golpe de Estado; os seus ideais políticos irão, gradualmente, dar forma a um novo sistema político – o **Estado Corporativo** –, o qual será definido na nova **Constituição Política**.
- Eleito novo presidente da República, a 25 de Dezembro de 1928, Óscar Carmona convida para Ministro das Finanças António de Oliveira Salazar, que ascenderá a Presidente do Conselho de Ministros em 1932, cargo que desempenhará até 6 de Setembro de 1968, tendo sido afastado por doença (derrame cerebral).
- Os 40 anos em que Salazar dirigiu a Nação tornaram o país num Estado enraizadamente rural, moral e paternal. Para Salazar, a melhor forma de governar era “*disciplinar o povo através do silêncio e da invisibilidade*”, ou seja, num Estado Corporativo, a individualidade era o elemento desestabilizador que causava o caos na aparente harmonia e na moral hipócrita que condicionavam a existência de um povo e de um país.
- Salazar instaura um sistema político baseado no medo, no ostracismo, na suspeição e na denúncia a que não serão alheios os princípios de condução e de controlo do inconsciente colectivo. Para manter a harmonia no país, Salazar cria
  - em 1933, a **PVDE** (Polícia de Vigilância e de Defesa de Estado), transformada, posteriormente, em 1954, em **PIDE** (Polícia Internacional e de Defesa de Estado) e, por fim, em 1969, a **DGS** (Direcção-Geral de Segurança). As funções deste órgão eram:
    - ♦ interrogar;
    - ♦ prender;
    - ♦ torturar;
    - ♦ exilar;
    - ♦ censurar;
    - ♦ assassinar
- O Estado Novo de Salazar nada tinha de novo:
  - ♦ ao totalitarismo da monarquia sucedia o totalitarismo de Estado;
  - ♦ à Inquisição sucedia a PIDE.
- Enquanto isso, o povo continuava, na sua ingenuidade, a acreditar que a figura paternal do rei, neste caso do Presidente do Conselho, se preocupava com o seu bem-estar e que, tal como antigamente, voltaria a ser dono de um império e grande na sua história.
- Em 1958, o marasmo que se fazia sentir na política, em Portugal, vai ser sacudido pela agitação da candidatura do General Humberto Delgado (que ficou conhecido como “o general sem medo”) à Presidência da República contra o candidato institucional Américo Tomás.
- Todavia, a 8 de Junho de 1958, na corrida para as eleições presidenciais, Américo Tomás é declarado vencedor por maioria absoluta. E foi-o, de facto, mas através da fraude e da manipulação do acto de voto.
- Em 1960, Humberto Delgado, perante várias pressões, pede asilo à Embaixada do Brasil e parte, em Abril, para esse país.
- Após algumas tentativas falhadas, Humberto Delgado é assassinado, em 1965, por uma brigada da PIDE, chefiada pelo inspector Rosa Casaco.

## Conclusão:

- A nível governamental, notava-se, portanto:
  - ♦ a proibição de todas as iniciativas públicas oposicionistas;
  - ♦ repressão e prisões de elementos ligados às ideias liberais e socialistas (Mário Soares, Ramos da Costa) e ligados às juntas de acção patriótica (Aquilino Ribeiro, Arlindo Vicente).
- Entre 1958-1962, a GNR e polícia de choque manifestam repressão violenta face a algumas manifestações públicas: 5 de Outubro; 1.º de Maio; greves estudantis.



Este era, então, o clima vivido devido ao regime isolado (regime Salazarista) e à luta pela sobrevivência até à Revolução de 25 de Abril (termo da ditadura)

Luís de Sá Monteiro recorre a um exemplo da história portuguesa para denunciar a ditadura, com a violência, as perseguições e a opressão, dos anos sessenta do século XX – época da produção da obra.

## III – Paralelismo Histórico

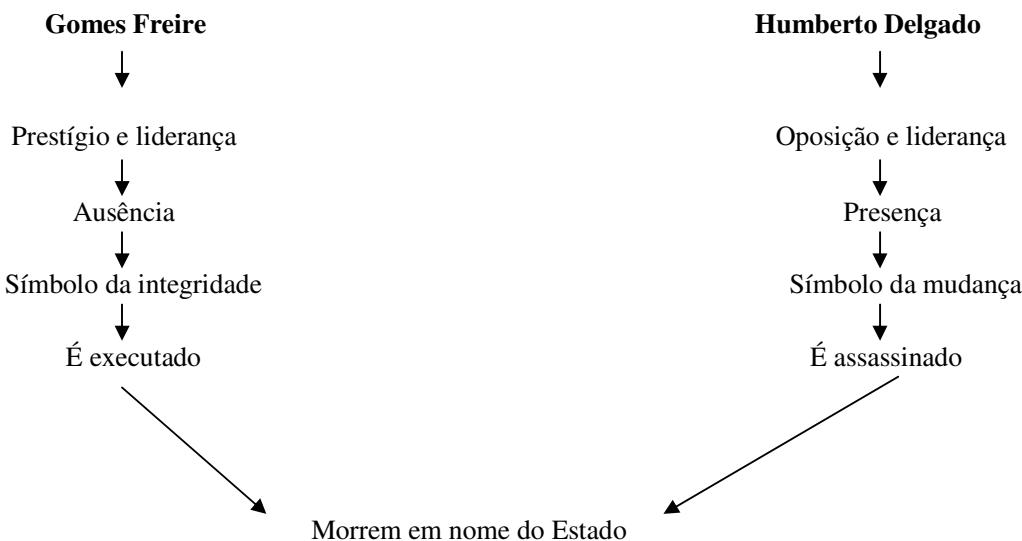
Escrita em 1961, *Felizmente há Luar!* é, portanto, uma peça, através da qual o seu autor denuncia o totalitarismo e a violência do Estado, estabelecendo um paralelismo histórico com o período que antecede o Liberalismo. Com efeito, o discurso implícito, ao longo da peça, é um discurso duro, de crítica e de análise, sobre um país isolado, ostracizado pela classe dirigente, miserável no ser e no sentir das suas gentes.

Vejamos, então, o seguinte esquema:

1817	1961
<ul style="list-style-type: none"><li>▪ hipocrisia da sociedade;</li><li>▪ povo oprimido e resignado;</li><li>▪ clima de suspeição e denúncia;</li><li>▪ luta contra o regime absolutista;</li><li>▪ passividade e obscurantismo.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>▪ denúncia da hipocrisia social;</li><li>▪ povo oprimido e explorado;</li><li>▪ clima de medo e denúncia;</li><li>▪ luta contra o regime ditatorial e totalitário;</li><li>▪ ignorância e revolta.</li></ul>

Todavia, o paralelismo histórico é, também, estabelecido ao nível das personagens que, através de um processo de mitificação popular, simbolizam o advento da mudança.

Assim:



# **LUÍS DE STTAN MONTEIRO E BERTOLT BRECHT**

## **BERTOLT BRECHT**

- Dramaturgo alemão que nasceu a 10 de Fevereiro de 1898 e faleceu em 1956. A seguir à I Guerra Mundial debruçou-se sobre os princípios da dramaturgia e usou todos os meios visuais, auditivos e literários.

A Vida de Galileu (1933) / Mãe Coragem e seus Filhos (1938)

- Elaborou a teoria do “teatro épico” e dominou a evolução do teatro contemporâneo para satisfazer as necessidades de uma “idade nova, revolucionária e científica”.

↳ TEATRO = instrumento de construção e transformação social.

- Brecht considerava que o teatro aristotélico criava terror e piedade no espectador, porque este se identificava com o herói e se esquecia de si próprio (característica hipnótica). Assim, considerava tudo isto fisicamente repugnante e obsceno.

TEATRO (segundo Brecht):

- é mais do que um bem de consumo que se assimila, mas se esquece facilmente;
- deve fazer com que os espectadores pensem sem impor emoções.

NB: Através da “distanciação histórica”, o espectador deveria ser capaz de reflectir sobre acontecimentos passados e ter uma percepção da complexidade da condição humana perante as diferentes forças sociais, económicas e históricas que afectam o seu dia- a- dia.

## **MEIOS UTILIZADOS PARA ESTIMULAR AS FACULDADES CRÍTICAS (TEATRO ÉPICO)**

- 1) a personagem emerge da função social do indivíduo;
- 2) a história desenrola- se numa série de situações separadas (cada uma acabada e completa em si mesmo);
- 3) o efeito de conjunto da peça é produzido pela justaposição e “montagem” de episódios contrastantes;
- 4) os elementos não literários da representação (décor, música e coreografia) são independentes e devem servir para destruir a ilusão da realidade;
- 5) as atitudes essenciais dos seres humanos são expressas pelos sinais exteriores (comportamento, entonações, jogos de fisionomia);
- 6) a luz é essencial para criar a atmosfera e sugerir estados de alma, mas as suas fontes devem ser visíveis aos olhos do público de modo a não dar origem a ilusões secretas;
- 7) a mensagem de revolta contra o poder político e a convicção que é necessário mostrar ao mundo e o homem em mudança estão sempre presentes.

- defesa das capacidades do homem ( direito e dever de transformar o mundo)
  - tentativa de mostrar a realidade para o espectador reagir criticamente e tomar uma posição